SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – PARFOR

MINHA TRAJETÓRIA: UM RETRATO AUTOBIOGRAFICO EM FORMAÇÃO.

Autora: Maria Elisa Salazar Morais

Orientadora: Profª Ma. Edinéa Bandeira Ribeiro

ABAETETUBA
2013

MARIA ELISA SALAZAR MORAIS

MINHA TRAJETÓRIA: UM RETRATO AUTOBIOGRAFICO EM FORMAÇÃO

Autora: Maria Elisa Salazar Morais

Orientadora: Profª Ma. Edinéa Bandeira Ribeiro

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia – PARFOR programa integrado a Capes, os Estados, Municípios o Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior – IES – do Núcleo pedagógico ao Desenvolvimento Científico da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, para graduação em Pedagogia.

ABAETETUBA
2013

MINHA TRAJETÓRIA: UM RETRATO AUTOBIOGRÁFICO EM FORMAÇÃO

MARIA ELISA SALAZAR MORAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia – PARFOR, programa integrado ao Capes, os Estados, Municípios do Distrito Federal e as Instituições de Ensino Superior – IES – do Núcleo pedagógico ao desenvolvimento científico da Universidade Federal do Pará, como um dos pré-requisitos para o titulo de Pedagoga.

Abaetetuba, 31 de outubro de 2013

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª Mª. Edinéa Bandeira Ribeiro

Universidade Federal do Pará (orientadora)

_____

Profª Dra. Vivian Lobato

Universidade Federal do Pará

ABAETETUBA

2013

Dedicatória

A todos os meus professores que contribuíram e colaboraram com a minha formação intelectual e humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me proporciona grandes oportunidades na vida como esta pela qual estou vivendo.

Agradeço aos meus filhos Luana, Wagner, Elisandra e minha neta Luisa Salazar pela compreensão de minha ausência, pois se não fosse por eles eu não teria chegado ao fim nesta caminhada árdua e por uma justa causa.

Aos meus pais Deolando e Rosa (in memoriam), primeiros mestres na arte de viver.

A professora Zulmira pelo incentivo que com carinho sempre lutou por uma educação emancipadora e justa no município de Santo Antonio do Tauá.

A professora Iolanda Paes que abriu as portas do campo educacional em minha vida e com quem muito aprendi.

As minhas colegas de curso pelo companheirismo e auxílio nos estudos em grupo, cujo apoio nas discussões me auxiliaram no percurso desta caminhada, mesmo nos momentos mais difíceis em especial Euzamar, Raimunda e Sandra.

Aos meus mestres, minha eterna gratidão àqueles que repartiram comigo os seus conhecimentos e saberes.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

RESUMO

Apresento neste trabalho as narrativas de memória de escolarização por meio da metodologia de história de vida e formação de professora, a partir de um relato autobiográfico. Desta forma, também se dispõe a articular, a luz da teoria revisada que me fez pensar, refletir, rememorar as lembranças que foram revividas e que deram vida a este trabalho de suma importância. O referencial teórico – metodológico e sustentado nos estudos de, Bomeny (2011), Bueno (1998), Dewey (1965), Freire (1987, 2001, 2011), Josso (2007), Nóvoa (1992).

Palavras chaves: memória; história de vida; conhecimentos; mudanças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **8**

CAPITULO I **12**

DA INFÂNCIA A ADOLESCÊNCIA: AS PERDAS E GANHOS NA CONSTRUÇÃO **12**

AQUI COMEÇA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR **14**

CAPITULO II: **23**

A ENTRADA NO MAGISTÉRIO **23**

CAPITULO III **30**

A FORMAÇÃO **30**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **44**

REFERENCIAL **46**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir a trajetória de escolarização em formação por meio da metodologia com narrativas e memórias. É um instrumento de reflexão e incursões sobre a vida pessoal, escolar e profissional em que seja possível perceber os vínculos entre esses caminhos vividos. Portanto as narrativas e memórias, centrado na reconstrução de histórias, tem propiciado a reflexão sobre as histórias de vida, de formação, de profissão, bem como sobre as histórias e culturas dos lugares, tendo em vista que tempo, memória, espaço e história caminham juntos.

Presente estudo tem por objetivo percorrer a trajetória de vida, no que discernir a infância, a escolha pelo magistério e formação acadêmica. Busca analisar e compreender as possíveis relações entre, a história de vida em consonância com a formação no curso de pedagogia ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR[1], através da prática de uma autobiografia. Sendo este um texto autobiográfico em que a partir das narrativas me faz ser uma pessoa critica e reflexiva a partir de acontecimentos que ao longo do texto irei narrar. A passagem que se segue segundo Josso oferece-nos uma ilustração desse exercício pela via do rememorar.

> O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (JOSSO, 2007, p. 414).

1. A formulação do PARFOR, que se seguiu à definição da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, compreende um conjunto de ações do MEC em colaboração com as secretarias de Educação de estados e municípios e as IPES para ministrar cursos superiores a professores em exercício em escolas públicas que não possuem a formação adequada prevista pela LDB. O PARFOR integra o Plano de Ações articuladas (par), no bojo do plano de desenvolvimento da educação, ao qual aderiram todos os entes federados.

Ao rememorar minha história de vida sei que será um momento solitário e doloroso, doloroso por lembrar-se de perdas ao longo de minha trajetória de vida, mas também de alegria por reconhecer que as perdas, os sofrimentos me fortaleceram, tendo uma compreensão melhor do mundo, é com esta nova ótica que venho discorrer sobre minha vida.

Portanto, durantes este período de formação, creio estar mais aberta a novas ideias, e desta forma enveredarei por esta metodologia como e conhecer-me e rever-me como sujeito histórico inacabado e em profunda transformação (FREIRE, 2011).

Em um processo evolutivo a partir da aquisição do conhecimento no campo intelectual, desta forma farei um passeio pela minha infância e adolescência, minha vida profissional enquanto docente no magistério e minha formação academia. Portanto falar sobre minha infância, sobre minha vida escolar e minha vida acadêmica, é mergulhar em minha memória, em um tempo distante e trazer para perto e despertar o que estava adormecido, assim sendo Bueno me faz refletir nesse processo de construção da subjetividade.

> [...] Ao lançar um olhar mais detido e mais arguto sobre seu passado, os professores têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos tem uma série de desdobramentos que se revelam férteis para a instauração de práticas de formação. Eles podem reavaliar suas práticas e a própria vida profissional de modo concomitante, imprimindo novos significados à experiência passada e restabelecendo suas perspectivas futuras (BUENO, 1998, p. 15).

É neste sentido, que percebo essas mudanças, pois elas não estão separadas, mas andam concomitante que foram marcantes e decisivas para minha trajetória de vida no que concerne à infância, mulher e professora – educadora – pesquisadora. Nesses quatro anos de idas e vindas para Abaetetuba-PA, nas trocas de experiências entre a praxi e a teoria que muito aprendi, quebrando paradigmas, rompendo barreiras, me levando a despertar para um olhar mais crítico e humano dentro do espaço escolar.

Portanto narrar sobre si, proporcionará uma auto reflexão de que como estou concebendo o pensar sobre sua praxi. Como enfatiza Nóvoa (1992, p. 16) “A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Assim, resignifico minha praxi da melhor forma possível.

Ao discorre sobre minha trajetória de vida, tenho a possibilidade de construir através do registro reflexivo e não apenas descritivo sobre minha subjetividade e minha ação no espaço ao qual estou inserida como sujeito cognoscível, e pensando em minha vida enquanto profissional do magistério, tive a oportunidade de refletir acerca de quem eu sou, de como a minha formação acadêmica contribuiu para que eu pudesse hoje me mover com clareza na minha prática, enraizando na docência e me deixando cada vez mais apaixonada pelo ato de educar.

Aqui cito Freire,

> Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o *sujeito* em relação a quem me considero *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma ao compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o *falso sujeito* da "formação" do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. (2011, p. 24-25).

Como afirma Freire, não há docência sem a discência, e o ato de educar exige utopia, "se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar". (FREIRE, 2011, p. 141), desta forma o ato de educar exige amorosidade e entrega.

O trabalho autobiográfico diz respeito a compreender as transformações da realidade sobre as histórias de vida evocadas pela memória, em um processo de conhecimento e formação. Inseri-se na biografia individual, a partir de situações

vivenciadas, ou seja, das experiências da vida e da partilha através da narrativa, da oralidade ou da escrita, ao discorrer sobre trajetórias e transformações narradas da nossa história.

Possibilita o aprofundar no processo de formação e desenvolvimento profissional, acerca da nossa prática docente. Pois o memorial serve de instrumento para as pesquisas em educação.

Assim a memória esta impregnada de simbolismo das construções verbais e culturais e a autobiografia de história de vida tem sua justificativa, pois permite refletir sobre nossas contribuições e influências na formação das pessoas e paralelamente, e sobre o processo de formação profissional a cerca da prática profissional docente.

Assim o primeiro capítulo apresenta alguns aspectos de minha trajetória escolar. No segundo capítulo irei discorre sobre minha entrada no magistério. Por fim no terceiro capítulo irei enfatizar em minha formação e sobre o legado que o curso de pedagogia me proporcionou.

CAPITULO I

DA INFÂNCIA A ADOLESCÊNCIA: AS PERDAS E GANHOS NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Meu nome é Maria Elisa Salazar Morais, nasci em 15 de fevereiro de 1968, na cidade de Santo Antonio do Tauá, filha do casal Rosa Salazar Morais (*in memória*) e Deolando da Costa Morais a segunda de sete irmãos. Nesse período levávamos uma vida muito simples, com muitas dificuldades, meu pai era trabalhador braçal e minha mãe apenas se dedicava as atividades domesticas e cuidava dos filhos, no ano seguinte meu pai resolve ir para Belém em busca de um emprego que viesse dar condições melhores para a família.

Nos anos 70 em plena efervescência do período militar comecei a estudar Saviane faz uma análise desse momento para o campo educacional.

> O advento do regime militar, o lema positivista "Ordem e Progresso" inscrito na bandeira do Brasil metamorfoseou-se em "segurança e desenvolvimento". Guiando-se por esse lema, o grande objetivo perseguido pelo governo dito revolucionário era o desenvolvimento econômico com segurança. Diante desse objetivo, a baixa produtividade do sistema de ensino, identificada no reduzido índice de atendimento da população em idade escolar e os altos índices de evasão e repetência, era considerado um entrava que deveria ser removido (SAVIANE, 2011, p. 367).

Este foi um período em que o currículo estava sistematizado a partir da "Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971". (SAVIANE, 2011, p. 365), o ensino de nível primário, fundiu-se ao antigo ginásio e passou a constituir o ensino de 1º grau; o ensino médio transformou-se em ensino de 2º grau. O sentido básico da reforma residiu na atribuição de capacidade e habilidade ao ensino médio no campo profissional, ou seja, visava uma tendência produtivista a todas as escolas do país, mas não visava apenas na preparação para o ensino superior.

Ainda sobre este assunto Bomeny (2011, p. 61) destaque que "Escola pública não foi prioridade do governo nas duas décadas de regime militar". Vale ressaltar que ao longo da história surgiram diferentes concepções de currículo, o mesmo é marcado

por decisões básicas, com intuito de racionalizar, de forma administrativa a gestão do currículo e de adequá-lo às exigências econômicas, sociais e culturais da época.

É importante destacar que Dewey defendia o interesse que era voltado para as atividades das crianças, propondo um currículo com enfoque ativo. Segundo este autor "trata-se de obter uma reconstrução contínua, que parta da experiência infantil, a cada momento, para a experiência representada pelos corpos organizados de verdades, a que chamamos matérias de estudo". (DEWEY, 1965, p. 48). Ainda, segundo este autor (1965, p. 34):

> A escola tradicional está organizada para permitir que se pratiquem certas habilidades mecânicas e certas ideias, sem cogitar da prática de outros traços morais e emocionais desejáveis em uma personalidade. Como aprender, com efeito, honestidade, bondade, tolerância, no regime de 'lições' marcadas para o dia seguinte? Só uma situação real de vida, em que se tenha de exercer determinado traço de caráter, pode levar à sua prática e, portanto, à sua aprendizagem. Daí ser necessário que a escola ofereça um meio social vivo, cujas situações sejam tão reais quanto as fora da escola.

É neste contexto que comecei a conhecer o mundo da escrita e da leitura, em meio a dimensões das analises teóricas no quadro sociopolítico e econômico desenhado a partir dos anos 70, na defesa de uma educação tecnicista[2]. Vale ressaltar que, a década de 1970, também concebida como a década do "milagre brasileiro", foi uma década de expansão de índices de crescimento econômico. Bomeny destaque que neste período ampliou-se o sistema universitário com a explosão de vagas abertas pelo sistema privado do ensino superior. Dos 74,6% de analfabetos do inicio do século XX, apenas 40,9% nos anos 70 consegue ter acesso à escola, há ainda um índice alto de analfabetos no país, sendo 33,7% a taxa nacional, mas sabemos que o norte e o nordeste por questões econômicas e por difícil acesso de deslocamento há um índice muito mais alto de analfabetos.

No ano de 1977, mamãe nos matriculou na Escola Major Cornélio Peixoto, na cidade de Santo Antonio do Tauá, eu e minhas irmãs Iolanda e Francinete, eu tinha 9 anos de idade, minha irmã Francinete tinha 11 anos e a Iolanda com 8 anos, já estávamos bem crescidas, já sabíamos ler e escrever.

2- A pedagogia tecnicista surge nos Estados Unidos na segunda metade do século XX e chega ao Brasil entre as décadas de 60 e 70, inspirada nas teorias behavioristas da aprendizagem, onde dever-se-ia moldar a sociedade à demanda industrial e tecnológica da época.

Outro momento de minha infância que marcou e guardo na memória são as brincadeiras de cantiga de rodas no final da tarde: depois de tomarmos nosso banho, mamãe nos arrumava e íamos para frente de casa. Enquanto ela conversava com suas amigas - vizinhas da rua de casa - nós e os filhos delas brincávamos. O lúdico é algo presente na vida de todo ser humano. Para Vygotsky apud Oliveira (1951, p. 24) "tem como um de seus pressupostos básicos a ideia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social".

A aprendizagem e o desenvolvimento estão estritamente, relacionados, sendo que as crianças se inter-relacionam com o meio objeto e social, internalizando o conhecimento advindo de um processo de construção, moldando seu funcionamento psicológico. O ato de brincar proporciona a criança, ainda, aprender a e lhe dar com as emoções.

A criança que brinca equilibra as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal e sua personalidade. Desta forma, as brincadeiras infantis, que para algumas pessoas parece apenas um passa tempo, na verdade ela prepara a criança para um aprendizado posterior.

AQUI COMEÇA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Iniciei aos nove anos de idade na primeira série, na escola acima citada que funcionava apenas de 1ª (1º ano) a 4ª serie (5º ano), passei pelos puxões de orelhas, os professores eram autoritários, e ainda peguei umas rimpadas de cipó do professor de educação física, talvez tenha sido por isso que muitos daqueles que na minha época estudavam, abandonaram os seus estudos.

A marca da violência no processo educativo era bem presente, seja na sua forma de avaliação, quando éramos submetidos a testes de aprendizagem, principalmente no dia da sabatina que a professora colocava no quadro quatro contas e chamava para frente duas meninas e dois meninos para testar os conhecimentos. Freire (2005, p. 67) caracteriza este momento da educação como educação bancária. Na educação "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam nada saber. Desta forma, a educação era sistematizada entre os que sabiam e os que não sabiam, nesta concepção da educação bancária não havia preocupação com o trabalho em grupo, ou seja, com as atividades realizadas em equipe.

Mas eu era uma criança atenta e esperta, sempre aprontando alguma coisa, estudei nessa escola até a segunda série no meio do ano. Depois fui transferida para Belém e fui estudar na Escola Costa e Silva que fica localizada na Avenida Almirante Barroso em Belém-PA, fui transferida para lá porque fiz uns exames na coluna e estava com desvio e o médico orientou que fizesse uma atividade física: natação. Como não tinha condições de ir e vir da cidade em que morava, fui morar com minhas tias.

No ano seguinte mamãe ficou doente fez sete cirurgias, ficou um ano no hospital Belém internada, e a vida corria, não compreendíamos muito o que estava acontecendo, minhas tias se revezavam com minha avó para cuidar de minha mãe, essa era a família de minha mãe. Mamãe ainda criança na cidade de Portel na ilha do Marajó- PA perdeu seus pais e a única irmã que tinha também desencarnou aos vinte anos, ficou com seus avós e quando estava moça veio para Belém em busca de oportunidade de emprego, trabalhou em um restaurante onde conheceu meu pai com quem casou-se e teve 8 filhos.

A vida para nós não foi nada fácil quando éramos criança, sempre convivendo com as idas e vindas de minha mãe para o hospital, mamãe gritando de dor em cima de uma cama, e nós não podíamos fazer nada, não tinha o que fazer os medicamentos não faziam efeitos e ali observávamos tudo, as irmãs de meu pai e minha avó eram a única família que minha mãe tinha, ajudavam como podiam, faziam o que estava ao alcance, sofriam junto com minha mãe.

Eu continuava com minhas tias em Belém, na escola sempre ia bem, e apesar de todos os obstáculos eu consegui ser aprovada, era o tipo de aluna que, quando a professora estava passando um exercício na lousa eu era a primeira a acabar e com o trabalho respondido, tinha um raciocínio rápido, recordo-me de uma coisa que me fazia sentir mal na sala de aula era tirar uma nota menor que qualquer outro aluno, isso para mim era imperdoável, não que quisesse ser a melhor, mas sabia que poderia dar o melhor de mim.

> Nas quatro primeiras séries do primeiro grau, as matérias de um "núcleo comum" nacional e obrigatório passaram a se tratadas como atividades (comunicação e expressão, estudos sociais, ciências e matemática), incluindo ainda, uma parte diversificada (BARSA, 2005).

Neste período o ensino no Brasil era organizado em níveis: primário, médio e superior. Pela Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, o ensino de nível primário, fundiu-se ao antigo ginásio e passou a constituir-se o ensino de primeiro grau. A estratégia de

aprendizagem eram definidas como sequência de procedimentos ou atividades que eram escolhidas com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento da informação. É interessante destacar que as estratégias de aprendizagens é o mecanismo pelo qual o professor se apropria para realização de uma determinada tarefa.

Com isso, recordo-me com carinho da professora quando eu cursava a 2ª série na EMEF Costa e Silva que nos avaliava pela rapidez de raciocínio ao responder as perguntas por ela formulada, que eram sempre feita em quartetos e paritária.

No final de 1979, ano em que minha mãe faleceu mudamos para a Cidade Nova em Ananindeua, no ano seguinte cursei a quarta séria estudei na Escola Luis Nunes Direito, esta era uma escola de porte grande, tinha cinco blocos de salas, quadra esportiva, recordo-me do então governador do Estado Excelentíssimo Senhor Alacid Nunes inaugurando a mesma, cursei nessa Escola apenas minha quarta série. No ano seguinte meu pai já estava casado e fui morar com ele.

Casou-se com a Sueli que tinha quatro filhos e teve uma filha com quem conviveu por vinte anos até se separarem, mas antes da Suely veio para casa de minha avó uma moça chamada Graça que estava grávida de meu pai, este é um irmão que até hoje não conheço. Deve ter seus 33 anos e morar na cidade de Tucuruí.

Quando fui morar com o meu pai, meus irmãos, minha madrasta e os filhos dela. A esposa de meu pai nos matriculou na Escola Donatila Santana Lopes que fica situada na Avenida Mauriti, no bairro da Pedreira em Belém, fui para lá por que mudamos de residência.

Estudei apenas minha quinta séria na Escola Donatila, neste momento já estava cursando a 5º série e o que me marcou ter passado por lá foi uma professora de Educação física que não me recordo o nome, a referida instituição não tinha um espaço adequado para as aulas de educação física então a professora utilizava uma sala de aula para suas atividades docentes e lá ela nos ensinava a dançar o xote, ensinando seu ritmo e passos, as aulas eram sempre divertidas e todos gostavam, pois a professora nos envolvia e conseguia alcançar seus objetivos, mesmo não tendo um local adequado para ministrar sua aula, e percebo o compromisso da professora na que discorre Paulo Freire.

> Em primeiro lugar, qualquer que seja a prática de que participemos, a de médico, a de engenheiro, a de torneiro, a de professor não importa de quê, a de alfaiate, a de eletricista, exige de nós que há exerçamos com responsabilidade. Ser responsável no desenvolvimento de uma

> prática qualquer implica, de um lado, o cumprimento de deveres, de outro, o exercício de direitos (FREIRE, 2001, p. 44).

Assim sendo, não importa o espaço que o professor tem para trabalhar, o importante e perceber que este educador esta comprometido com uma educação de qualidade, e com o cumprimento de suas obrigações enquanto profissional. Para Freire (2011, p. 35) “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor”.

Recordo-me que quando morávamos na passagem Santo Antonio em Belém, meu pai ao receber sabia quanto ia pagar de água, luz, sabia quanto ia fazer de supermercado e ainda íamos para a Ceasa comprar as frutas. Agora com esta nova família tudo mudou, leite, pão só para os filhos dela, televisão só assistíamos o que o filho dela mais velho queria.

Meu pai viajava muito, ficava muito tempo fora de casa, morávamos distante dos nossos tios, a situação ficou tão grave que minha avó foi para na justiça e ganhou a posse e guarda dos sete filhos de meu pai. E acompanhávamos tudo, vovó brigando por nós, e olha ela era a mãe do papai, vovó conseguiu levar os netos, nesta época já estávamos “crescidinhos”, eu já tinha meus 14 anos e preferi ficar com meu pai, apesar do desgaste emocional, diziam que eu era o xodó dele ou vice versa.

Foram morar com a vovó a Nete, Iolanda, Emanoel, Luciano, Lucivalda a Lucia minha irmã caçula tinha ficado com minha avó desde bebê, antes da mamãe desencarnar ela deu Lucia para vovó cuidar, pois mamãe ficou muito doente quando Lucia nasceu. Neste período meu pai tinha comprado uma casa na Cidade Nova VI, cada ano morávamos em um lugar diferente e frequentávamos também uma escola diferente.

No ano seguinte foi passar as férias de início de ano, na casa da sogra do meu pai ela morava em Monte Alegre no Baixo Amazonas eu tinha na época 14 pra 15 anos, gostei muito daquela cidade e no retorno pedi para meu pai para que eu ficasse lá e meu pai concordou, fui fazer minha sexta série na Escola Carim Melem.

Vocês já perceberam por quantas escolas nesta minha curta trajetória de estudante percorri? Até agora cinco, mas nunca tive dificuldade de adaptação e também essas mudanças não afetaram o meu aprendizado, nesta escola tinha uma professora de matemática que só tinha até a quarta série e ela era quem dava aula para todas as turmas da escola, uma pessoa que sabia muito e dava conta do compromisso e responsabilidade ao qual tinha abraçado.

Neste curto período que fiquei em Monte Alegre apenas um ano, muita coisa aconteceu, acordava às cinco da manhã para preparar o café, fazer o fogo no fogão a lenha industrial, pois na casa em que eu estava morando funcionava um restaurante e eu antes de ir para aula tinha que deixar o arroz pronto, a água do macarrão no fogo enfim deixar as coisas na cozinha adiantadas.

No inicio dos anos 80 houve uma grande mobilização dos educadores por todo o país, a década de 80 se inicia com a constituição de associações, posteriormente transformadas em sindicatos, mobilizando os educadores em âmbito nacional, professores de diferentes níveis de ensino e especialistas em diversas áreas pedagógicas. A seguir Saviane faz um mapa demonstrativo do momento.

> A partir do final dos anos 1970, as entidades de professores das escolas publicas de 1º e 2º graus vão filiando-se à Confederação de Professores do Brasil (CIP), chegando, em 1986, a 29 associações estaduais filiadas. No Congresso realizado em janeiro de 1989, foi aprovada a mudança do nome de CPB para Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE). E, no ano seguinte, a ele foram incorporadas a Confederação Nacional de Funcionários de Escolas Públicas (CONAFEP), a Federação Nacional de Supervisores Educacionais (FENASE) e a Federação Nacional de Orientadores Educacionais (FENOE). Com isso, ascendeu a dois milhões o número de profissionais da educação (professores, especialistas e funcionários das escolas públicas de 1º e 2º graus) representados pela CNTE (SAVIANE, 2011, p. 403).

É neste contexto da década de 1980 e de debates e transformação no cenário nacional, marcadas por intensas transformações sociais que posteriormente impulsionaram inúmeras reformas educacionais que se efetivam na segunda metade dos anos noventa: aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/61), reforma curricular, reforma do sistema de ensino de avaliação, reforma da gestão educacional por meio da municipalização do ensino ente outras.

E enquanto estava acontecendo todas estas mudanças no cenário nacional eu continuava morando em Monte Alegre e pelas férias do mês de julho tive a oportunidade de passar uns dias do outro lado do Rio Amazonas na casa da D. Nazaré, lá tive a oportunidade de conhecer uma localidade denominada Pacoval, situada à margem do rio Curuá, afluente esquerdo do rio Amazonas, em pleno coração da maior floresta.

O local era farto de alimento principalmente peixe, mas era uma comunidade extremamente pobre. Pacoval era uma comunidade de descendentes de antigos mocambeiros que habitavam aquela região e que guardavam com carinho as tradições deixadas por seus ancestrais. É interessante registrar que a pessoa mais importante deste lugarejo era uma professora primária, isso em meados dos anos 1980.

Figueiredo, quando chega a este local fica surpreso a faz uma comparação com a África.

> Quando chegamos à pequena enseada que serve de porto à vila, tomamos o primeiro susto – a África que encontramos era uma pequena comunidade localizada num dos barrancos a beira do Curuá, a 34 quilômetros da cidade de Alenquer em linha reta. Naquele momento tivemos a certeza de que qualquer viajante desinformado que decidisse se aventurar por aquelas paragens passaria sem dedicar atenção maior ao lugarejo. Do leito do Curuá o que se avistam são cabanas de pau – a - pique ou palha, construídas no alto do barranco, minúsculas embarcações de casco emparelhadas nas pequenas enseadas, palmeiras aqui e acolá, uma igrejinha rústica na pequena praça central, e, enfim, crianças, inumeráveis crianças que se alvoroçam e festejam à chegada do visitante ou à passagem do forasteiro (FIGUEIREDO, 1995, p. 209).

Cito esta passagem de Figueiredo por que foi exatamente isso que aconteceu comigo quando estive em Pacoval uns três anos antes desta pesquisa, tive acesso a este texto no curso de graduação em História na disciplina de Antropologia Cultural, o interessante é que a professora é citada no texto “uma professora primária que é paga pela Prefeitura de Alenquer”, e antes de chegar neste trecho do texto eu comentei com os meus colegas sobre pacoval e citei a professora.

Ao final do ano retornei à Belém, voltei e fui morar com meu pai, fui me matricular em uma escola próximo de nossa casa mais uma nova escola, novos amigos, novos professores. Surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma empresa, fui fazer a entrevista e passei, pagavam um salário mínimo e só trabalhava meio período.

Naquele momento esse trabalho era tudo. Conseguia conciliar trabalho e escola, a empresa dava o uniforme, contratava apenas moças de 15 e 16 anos que tivessem uma boa aparência e eu me encaixava nesse perfil, usávamos chapéu vermelho, blusa branca com gravatinha, bermuda vermelha até ao joelho, meia branca e melissa vermelha esse era o nosso uniforme, o que fazíamos? Vendíamos cafezinho na rua. Quem comprava o café ganhava um cigarro, pois a empresa de cafezinho tinha um contrato com a Souza

Cruz e nós fazíamos a propaganda do cigarro da Hollywood, esse foi o meu primeiro emprego de carteira assinada, meu itinerário para vender o cafezinho era sempre o comércio de Belém até o porto da palha, andava muito, e fiz muitas amizades, pessoas bacanas e também vi muita coisa errada, afinal trabalhava na rua exposta a todo tipo de situação, passei apenas três messe trabalhando e sai em dezembro.

No ano seguinte consegui um emprego em uma loja de departamento, a mãe de uma amiga minha que acompanhou nossa vida era chefe do departamento de pessoal e me ofereceu um emprego em uma das lojas, era as lojas Capri, lá trabalhei como embaladora, vendedora, fazia o serviço de oficce boy e também como telefonista, fazia o percurso da cidade nova até o centro de Belém, percurso longo e cansativo, mas um aprendizado eu era a pessoa mais nova da loja, no sábado depois que fechavam a loja todos desciam para o chameguinho, hoje estação das docas, trabalhei nesta empresa por um ano e sete meses.

Não dando para conciliar estudo e trabalho, tranquei minha matricula na escola, quando parei estava cursando a 7ª série, naquele momento trabalhar para mim era o mais importante, pois ganhando o meu dinheiro eu supria minhas necessidades e ajudava os meus irmãos comprando alguma coisa que os mesmos poderiam estar necessitando.

Para eu ter parado de estudar foi muito difícil, pois sempre soube que a educação é o único meio pelo qual o individuo tem a oportunidade de sair do ciclo de miséria ao qual está inserido e desta forma se tornar um individuo mais humano.

Ao completar 18 anos fui trabalhar na EBD (Empresa Brasileira de Distribuição), trabalhei por pouco tempo, só no período da páscoa, trabalhava com os chocolates lactas. Mas o sonho de ficar emprega foi desfeito com a medida que o governo Sarney tomou, em congelar o preço dos produtos, foram muitas demissões na empresa, pois nosso serviço era de abastecer e colocar os preços nas mercadorias e me vi mais uma vez fora do mercado de trabalho.

Como estava desempregada fui passar uma temporada na casa da minha avó em Santo Antonio do Tauá. Mas sempre tive vontade de retornar aos estudos, nesta temporada na casa de vovó conheci um rapaz e com ele tive minha primeira filha, tempos difíceis para mim, pois tive que assumir a maternidade sozinha.

Após o nascimento de minha filha retomei meus estudos. Tinha parado na 7ª série agora retornando para concluir o meu primeiro grau através do supletivo cursando a 7ª e 8ª séries. Não posso falar de educação de jovens e adultos sem citar Paulo Freire

que rompeu com a educação elitista se comprometendo verdadeiramente com as pessoas através da criação da concepção popular de educação. Freire deixa seu legado através de suas obras e seu pensamento, sendo este um marco na pedagogia nacional e internacional.

Quando concluir o meu 1º grau fui para Marabá, chegando lá fiz um teste em uma empresa de telefonia e fiquei trabalhando. Ao chegar à marabá me organizei e comecei a trabalhar, fui morar com minha irmã Francinete, que na época morava no bairro da Santa Rosa na velha Marabá em frente o rio Tocantins, nas tardes vendo o sol se pondo, era nostálgicos para mim, pois sentia muita falta da minha filha que tinha ficado com minha irmã em Belém, pois não sabia como iria ficar minha vida. Desta forma resolvi primeiro ir, me organizar para poder retornar a Belém para leva-la comigo.

Em Marabá, fiz teste em uma empresa de telefonia passei e comecei a trabalhar. Neste período a área de telecomunicações estava se expandindo, e eu me dedicava e aprendi e aprendi rápido como trabalhar. Tive a oportunidade de sair de Marabá para dar treinamento em outras cidades circunvizinhas, pois a Telepará estava instalando postos telefônicos em todas as cidades. Sempre viajava em companhia de outra colega de trabalho para dar treinamento para as pessoas que iriam assumir os postos telefônicos.

Eu tinha muita vontade de concluir meu segundo grau, mas o trabalho que eu desempenhava não me dava condições de estudar, também trabalhava por escala e a cada semana eu trabalhava em um horário. Assim eu ficava impossibilitada de estudar.

Depois de algum tempo trabalhando, mas uma vez fiquei desempregada, sai de Marabá e fui morar com o Márcio com quem vivi e tive um menino, meu segundo filho. Morávamos na fazenda do pai ele, que ficava distante da vila na época Nova Ipixuna uns três quilômetros, na época só funcionava o modular e apenas pela parte da noite então para mim era inviável estudar, pois o nosso único transporte era a cavalo.

Anos depois retornei para o Tauá, desta vez separa e com três filhos para criar, foram tempos difíceis, mas não me deixei abater. Agora com mais coragem e determinação, afinal eram três crianças para eu cuidar, e eu assumi esta responsabilidade sozinha, fui à luta retomei ao meu grande sonho estudar. Optei pelo magistério em minha formação por que vi a possibilidade de uma profissão e de uma estabilidade financeira. Fui fazer meu segundo grau na área do magistério minha turma

foi uma das últimas, pois o final dos anos 80 e os anos 90 foram marcados pela redemocratização do país e por renovação das políticas educacionais.

O magistério me possibilitou o contato direto e indiretamente com a escola, agora não era apenas aluna. O contato indireto foi através das disciplinas ministradas no curso e o contado direto foi quando tive a oportunidade de fazer os estágios me inserindo diretamente com a sala de aula.

Vale ressaltar que o estágio esta amparado legalmente por resoluções e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Foi através deste contato que iniciei os primeiros apegos com as crianças e até mesmo o reconhecimento pelo pouco que somos capazes de fazer em um estágio, pois por onde eu passava sempre alguém gritava "ei professora", foi isso que me impulsionou e contribuiu para que eu me empenhasse na busca por uma vaga de trabalho no campo educacional.

A formação em magistério, foi a minha primeira base para a execução da prática em sala de aula. As disciplinas que cursei os fundamentos metodológicos que éramos submetidos na prática de ensino, tudo serviu de base para hoje eu afirmar que todo este conhecimento foi construído ao longo de minha trajetória que acontece no contexto escolar em que socialmente e historicamente são construídas, pois entendo que o trabalho docente é uma prática social.

O cabedal de conhecimento que a Universidade me proporcionou através da formação só veio ampliar o meu horizonte entre teoria e prática, me possibilitando compreender que só através da educação é possível colaborar na conquista de uma realidade social para superação das desigualdades.

CAPITULO II

A ENTRADA NO MAGISTÉRIO

Iniciei na área da educação no ano de 2005. Ingressando na Rede Municipal de Ensino no Município de Santo Antonio do Tauá minha terra natal, na gestão do Senhor Raimundo Freire Noronha. Pessoa a quem sou grata por me dar essa oportunidade me possibilitando uma mudança significativa em minha vida.

Santo Antônio do Tauá pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e à microrregião de Castanhal. Compreende uma área de 346 km^2. Limita-se com seis municípios: Ao Norte com Vigia de Nazaré e Colares e São Caetano de Odivelas, ao Sul com Santa Izabel do Pará, a Leste com Castanhal e a Oeste com Santa Bárbara do Pará. Na época uma população estimada em 21 mil habitantes.

Como em todas as regiões do interior paraense, as festividades religiosas do município de Santo Antônio do Tauá se constituem em atração turística e fator de mobilização popular. As festividades apresentam os aspectos puramente religiosos que abrangem os atos litúrgicos, ao mesmo tempo em que o aspecto profano se desenvolve e revela a riqueza das manifestações da cultura popular aquecendo a economia local, haja vista que, quem mais emprega no município e a administração pública.

Fui convidada pela professora Iolanda Ribeiro Paes para fazer parte de sua equipe de trabalho, pois a mesma estava assumindo a Secretaria de Educação do Município, a partir de então passei a assessora-la. Professora Iolanda Paes e socióloga e tinha uma larga experiência no campo educacional, pois passou sua vida ministrando aula para o ensino médio e trabalhou também como gestora escolar no município de Belém lotada pela SEDUC. Filha do Tauá agora aposentada estava retornando para dar sua contribuição para educação do município.

Quando fui assessorar a Secretária, o conhecimento que eu tinha de educação era o que adquiri na formação do magistério além da experiência de dar aula em casa, não sabia redigir um oficio com precisão e as normas técnicas, foram dias difíceis para mim. Com a Professora Iolanda tive a oportunidade de prender muitas coisas, quando a mesma me pedia para redigir um documento eu tinha que dar conta, mas ela sempre revisava com muito carinho como diz Paulo Freire (2011, p. 65) “ensinar exige humildade”, e ela sempre com humildade me apontava o que eu deveria melhorar, portanto o ato de aprender a aprender é um ato permanente dentro e fora de sala de aula.

A minha função na secretaria de educação era ler os documentos que chegavam e repassar as informações para a Secretária, organizava a agenda da mesma, sempre acompanhando nas reuniões pelas localidades, visitava as escolas para acompanhar de perto o andamento dos trabalhos, tanto no campo pedagógico como também administrativo, verificando as estruturas das escolas, que na época estavam em precárias situações físicas.

Professora Iolanda foi uma secretária atuante, preocupada com o desempenho da educação de nosso município. Nessas visitas as escolas a equipe da secretaria era composta pela diretora de ensino e o diretor de patrimônio. Foi nesse período visitando as escolas de conheci de perto a realidade de meu município.

Professora Iolanda sempre se mostrava preocupada com minha formação e me incentivava constantemente a seguir meus estudos. No ano de 2006 foi licitado o concurso público para professores e demais profissionais para o município de Santo Antonio do Tauá, como a exigência de formação para professores só era o magistério, fiz minha inscrição, a prova e fui aprovada. Ao ser convocada continuei assessorando a professora Iolanda até o final do ano de 2006, pois a mesma só pretendia passar dois anos como secretária para organizar a educação do município e posteriormente afastar-se definitivamente, pois já se encontrava aposentada.

Como secretária de educação um dos primeiros trabalhos implementados por ela foi a elaboração do Estatuto do Magistério, pois até então o professore não recebia nem um beneficio pelo exercício do magistério além do salário mínimo. A mesma reuniu alguns professores pedagogos e foram dias e noites de muitas leituras e produção até o término do documento, concluído o documento passou por uma revisão no jurídico e posteriormente o pré-projeto foi encaminhado para a Câmara Municipal e retornou para o gabinete do prefeito para ser sancionado.

Nas visitas pelo município percebemos muitos entraves na educação, um deles era a falta de acesso à informação, a falta de formação continuada e de qualificação, esses eram uns dos grandes entraves de nosso município. Para mim foi um período de aprendizado. Participar desse processo ajudou-se a compreender que a educação deve ser vista como a mola mestra para o progresso emancipador individual e coletivo em uma sociedade.

Depois que a professora Iolanda deixou o cargo de secretária, a professora Socorro Jardim no inicio do ano de 2007 assume a secretaria. Professora Socorro Jardim

também educadora a mais de 20 anos tinha uma larga experiência no campo da educação, pois foi professora, diretora da 11ª URE de Santa Izabel do Pará.

Em abril de 2007, o Ministério da Educação lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação Básica (PDE), o qual está expresso em um conjunto de programas e ações estratégicas selecionadas pelo Ministério para atingir os objetivos de melhoria da qualidade da educação e redução das desigualdades e entre as várias ações impressas no Plano estava o Programa Bolsa Família.

Assim que soube da informação, conversei com a secretária e realizei meu cadastro no MEC para ser operadora máster municipal, ou seja, a partir daquele momento eu iria monitorar e transmitir a frequência escolar dos beneficiários do programa bolsa família, trabalho este até então executado pela Secretaria de Assistência Social.

O monitoramento se dá da seguinte maneira. Para cada período de coleta da frequência escolar, o MEC recebe do MDS um arquivo contendo as informações sobre os beneficiários que deverão ser acompanhados. Ao incorporar essa base de dados no Sistema Presença - Acompanhamento da Frequência Escolar do Programa Bolsa Família (Sistema Presença - PBF), as inclusões, exclusões e alteração de dados cadastrais dos beneficiários são processadas. Essas alterações cadastrais ocorrem apenas nessas ocasiões e por essa via.

Este trabalho não era meramente burocrático, pois ao detectar que uma criança estava com baixa frequência verificar em lócus o motivo. A baixa frequência indicava situação de risco e vulnerabilidade, assim eu procurava a escola para conversar com o professor (a) da turma, gestor da escola, quando era necessário fazia reunião com os beneficiários do programa, visitava o domicílio do beneficiário, para explicar a importância do estudo para a vida do indivíduo e sempre enfatizava sobre as condicionalidades. As Condicionalidades são definidas, no âmbito do PBF, como compromissos assumidos pelo poder público e pelo núcleo familiar com o objetivo de reforçar o acesso aos serviços sociais básicos.

Em âmbito municipal sempre procurei trabalhar em parceria com a Secretaria de Assistência Social e Secretaria de Saúde, pois concebo o avanço dos programas através das parcerias. O acompanhamento das condicionalidades me proporcionou ver a educação com um olhar mais humano me possibilitando em muitas das vezes a intervenção Freire cita que.

> É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeitoso, no mínimo, de que não é possível a escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear - se das condições sociais, culturais e econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos (FREIRE, 2011, p. 62).

Assim percebo que o programa trouxe desafios, mas também possibilidades para aquelas crianças que moram em lugares distantes se manterem na escola, mesmo com todas as dificuldades tanto de deslocamento, quanto de alimentação etc, pois em muitas dessas famílias o único recurso fixo que entra em casa e o do Programa do Bolsa Família. Assim uma das possibilidades que o programa trouxe foi o caminho para igualdade social através da educação.

Ao mesmo tempo que fiz meu cadastro no MEC para monitorar a frequência escolar fui também trabalhar com o procurador municipal, ajudando-o no que fosse necessário. Dentro do que me competia na Procuradoria Municipal redigia documento sempre orientada pelo procurador, organizava as leis, os decretos, enviava os projetos de lei para câmara de vereadores entre outras.

No ano de 2006 iniciei uma formação em nível superior, fui fazer licenciatura em História em uma instituição particular. Em 15 de março de 2012, quando estávamos na construção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC veio à tona a situação irregular das instituições de ensino superior que não estavam devidamente autorizadas pelo MEC para funcionar, isso causou muitos transtornos para nós, o que era um sonho virou uma frustração.

Nesta altura dos acontecimentos eu já estava cursando Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará no município de Abaetetuba, através do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR.

No inicio do ano de 2009 a professora Zulmira Bentes assume a Secretaria de Educação e me reintegra a equipe de trabalho da SEMED. Desde então sempre me deu total autonomia nas atividades que eu desempenhava na Secretaria como operadora máster do Programa do Bolsa Família. Neste período como estava cursando licenciatura em História tive oportunidade de assumir minha função como docente e fui ministrar aula nas turmas de 5ª série (6º ano) e 6ª série (7º ano) a disciplina de História.

Este foi um dos maiores desafios da minha vida profissional, me vi em uma sala de aula com 40 alunos e cada um com um cabedal cultural, cada um com uma história

de vida foi desafiador e um aprendizado, pois a única experiência docente que eu tinha, era como professora particular ministrando aula em casa e a experiência do estágio no curso do magistério.

O curso de pedagogia me possibilitou um novo olhar para a turma que antes eu não conseguia enxergar, um olhar mais humanizado, pois até então eu não conseguia compreender certas dificuldades dos meus alunos como, por exemplo: a agressividade. Só a partir das leituras no curso de pedagogia que percebi a dimensão da escola, agora não só pautada nas disciplinas que eu ministrava, mas além dos muros da escola, trazendo para o meu dia–a–dia a realidade social no qual meus alunos estavam inseridos.

Em meados de 2009 eu e professora Zulmira elaboramos um projeto e enviamos ao MEC com intuito de fazermos a adesão ao Programa Brasil Alfabetizado. O projeto foi aprovado e eu fiquei como coordenadora do programa no município, mais um desafio em minha vida profissional agora com a educação de jovens e adultos.

Tendo como desafio ampliar e qualificar a oferta de Educação de Jovens e Adultos no contexto da Educação Básica dispondo de múltiplas formas e espaços formais e não formais de ensino e aprendizagens. Além de garantir a continuidade da escolarização aos egressos do Programa Brasil Alfabetizado na Educação de Jovens e Adultos.

> Não é necessário muito esforço para se compreender a inexistência histórica de uma educação "para todos", a "serviço da humanidade", "para o bem geral". Em uma sociedade profundamente dividida e injusta como a brasileira, a educação – enquanto prática sócio-política - é instituída por camada, caracteriza-se por ser de classe. Não existe prática educativa neutra. Ao contrário, a educação é uma prática política ao manifestar e instituir concepções de sociedade, de relações sociais (individuais, de grupos, de classes), de divisão social do trabalho (SCOCUGLIA, 2000, p. 27).

Assim entendemos que a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) assume o caráter de obrigatoriedade e gratuidade com a LBD 9394/96, garantindo educação a todos aqueles que não tiveram acesso aos estudos ou não conseguiram concluir na idade própria. Tornando este direito uma realidade possibilitando que este acesso tenha ênfase na permanência e no sucesso escolar destes alunos e alunas constituindo-se em um grande desafio.

O desenvolvimento do projeto no ano de 2010 obteve resultados bastante positivos. Enquanto coordenadora do programa, sempre estive preocupada em repassar o melhor para os professores alfabetizadores no que concerne a formação, para que os mesmos pudessem desenvolver um trabalho com qualidade.

Santo Antonio do Tauá não se apresenta muitas vias de empregabilidade, assim tive toda liberdade para mapear o município e dar oportunidade para pessoas que estivessem desempregadas. Mas criteriosa na seleção dos professores alfabetizadores. Desta forma era selecionado quem tivesse no mínimo a formação em magistério ou que estivesse cursando uma licenciatura.

Enfatizava que o projeto não era um emprego, pois o Governo Federal só repassava uma bolsa para os professores alfabetizadores. Informava que era o projeto se desenvolvia através de um trabalho de cunho social, ou seja, é um compromisso que estávamos assumindo com a erradicação do analfabetismo em nosso município. Segundo a Resolução CD/FNDE Nº 32, de 1 de julho de 2011, em seu Art. 2º são definidos os objetivos do Programa Brasil Alfabetizado:

> I - contribuir para superar o analfabetismo no Brasil, universalizando a alfabetização de jovens, adultos e idosos e a progressiva continuidade dos estudos em níveis mais levados, promovendo o acesso à educação como direito de todos, em qualquer momento da vida, por meio da responsabilidade solidária entre a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios;
> II - colaborar com a universalização do ensino fundamental, apoiando as ações de alfabetização de jovens, adultos e idosos realizados pelos estados, Distrito Federal e municípios, seja por meio da transferência direta de recursos financeiro suplementares aos que aderirem ao Programa, seja pelo pagamento de bolsas a voluntários que nele atuam.

Assim, assumir esse compromisso era um desafio para todos os que estavam envolvidos e comprometidos com as ações do programa para a erradicação do analfabetismo se não total, mas pelo menos parcial, pois sabemos das dificuldades de acesso, de permanência dos alunos por conta da idade, saúde entre outros entraves.

O Programa Brasil Alfabetizado tinha suas ações de alfabetização embasadas na teoria freiriana. Pressupunha uma concepção libertadora que discutia numa perspectiva sócio - cultural os problemas da sociedade em geral, a partir da micro - realidade vividos pelos agentes envolvidos em tal proposta.

Neste sentido, entendia-se que os alunos do referido programa possuíam conhecimentos prévios adquiridos pelo fato de viverem suas experiências de vida. Concebendo desta forma, que conteúdos são interdisciplinares, pois o mais importante é a leitura e a escrita de textos significativos para a realidade sonhada e vivida naqueles espaços.

Assim, a construção dos conteúdos tinha por objetivo fundamental o entendimento dos sistemas simbólicos produzidos pelo imaginário social ao longo de uma história construída naqueles espaços dos quais os atores envolvidos estavam inseridos, que é trazida ao presente para servir de base para se extrair os temas geradores. Assim neste papel de mediador Vera Barreto defini as ideias de Paulo Freire.

> Para Freire, mulheres e homens se caracterizam como pessoas capazes de captar e responder aos desafios do mundo onde se encontram. Agir sobre a natureza, produzindo cultura e conhecimento, é marca fundamental dos seres humanos. Coerente com estas ideias, Paulo não poderia desenvolver uma metodologia que tirasse o papel ativo dos educandos e do educador (BARRETO, 1998, p. 88).

Paulo Freire propõe a ideia de uma educação libertadora, que contemple os espaços sem desconhecer as razões históricas econômicas e sociais, ou seja, trata-se de partir sempre da etnografia que fornece os problemas sociais levantados pelos próprios alunos, para então servir de base para montagem dos roteiros das aulas.

CAPITULO III

A FORMAÇÃO

> Aqui se encontra o retrato deste mundo, se você prestar bem atenção, verá que há mapas dos céus, mapas da terra, mapas do corpo, mapas da alma. Ainda por estes cenários, navegarei, pensei, aprendi. Aquilo que aprendi e que sei, está aqui. E estes mapas eu lhe dou, como minha herança. Com eles você poderá andar por estes cenários sem medo e sem susto. Pisando sempre a terra firme. Dou-lhe o meu saber.
>
> *Rubens Alves*

Inicio este capítulo com o fragmento poético de Rubens Alves, por que percebo nesta poesia o cenário de minha formação. Cortella ressalta que momentos graves são momentos grávidos, ou seja, nos momentos graves aos quais Cortella refere-se contém uma gravidez que nos possibilita dar a luz a uma nova situação. Desta forma a minha formação em Licenciatura em Pedagogia me possibilitou essa gravidez. Foram quatro anos de idas e vindas do Tauá a Abaetetuba onde fica o polo da UFPA em que eu era matriculada, me ausentando nos meses de férias dos meus filhos, de minha casa, mas que entendo como necessário pra que eu pudesse desempenhar um bom trabalho.

> Assim, a formação inicial não é negada pelos professores, mas esta adquire outros significados permitindo um julgamento sobre os saberes teóricos adquiridos outrora e neste momento sendo confrontada com a realidade e validada, ou não, por sua própria prática pedagógica (SILVA, 2009, p. 27).

Portanto, adquirir novos saberes era minha maior expectativa, pois seria a pedagogia que iria me respaldar em minha atuação em sala de aula nos anos iniciais. O curso de pedagogia proporciona um campo de atuação bem amplo, possibilitando aos pedagogos uma grande inserção no mercado de trabalho. Assim discorrerei neste trabalho desde o momento do processo de minha inscrição até o final de minha formação de como galguei os saberes, as transformações ocorridas em mim enquanto pessoa e profissional.

Em meados do ano de 2009 a Professora Zulmira Bentes que há poucos meses tinha assumido o comando da secretaria de educação no município chegou com uma novidade na secretaria de educação: que estavam sendo ofertados cursos de licenciatura

pelo PARFOR para os professores. Muitos nem acreditavam. Como entrar em Universidade sem fazer vestibular? Muitos se perguntavam.

Neste momento começa a “corrida ao ouro”, ou seja, a realização de um sonho fazer uma universidade em uma instituição pública. A possibilidade de uma formação em uma Universidade Pública era o sonho de muitos de nós e que até o momento era difícil, pois estávamos há muitos anos sem estudar, fora de um banco de sala de aula como aluno, não que fosse o meu caso, pois já estava fazendo uma formação em nível superior.

Professora Zulmira reuniu a equipe de trabalho da SEMED e pediu uma ajuda coletiva, no sentido de fazermos a inscrição de todos os professores do município. Neste período a secretaria de educação não tinha acesso à internet e por isso montamos uma força tarefa, quem tinha modem e notebook levou para secretaria. Inicialmente fizemos um cadastro dos professores, para poder fazer a inscrição no sistema, como estávamos na secretaria de educação quando faltava algum documento, ou se surgia alguma duvida quanto à documentação nós íamos verificar na pasta de documento no Departamento de Recursos Humanos. Ficávamos até de madrugada fazendo as inscrições dos professores.

Em setembro de 2009 saiu à lista dos primeiros professores selecionados pelo PARFOR, para mim foi constrangedor ver meu nome entre os selecionados, pois fiquei preocupada com o que os meus colegas poderiam pensar, considerando que eu fazia parte da equipe que estava ajudando a fazer as inscrições. A professora Zulmira me chamou atenção e disse que era para eu parar com aquela besteira e festejar, pois eu estava entrando na maior Universidade da America Latina. Refletir, e percebi que eu não estava fazendo nada de errado, então corri e fui fazer a minha matricula.

Ao realizar minha matrícula no Curso de Pedagogia, muitas expectativas surgiram em torno do mesmo, outra cidade, outros costumes, outros modos de viver e que contribuíram para o modo de aprender. A partir do curso pude descobrir possibilidades de compreender mais as pessoas e a sociedade ao qual estou inserida. Pressupondo que a formação promover a reflexão e a conscientização das/os professoras/es em relação ao seu papel na escola. Explorar as possibilidades de desconstruir e construir os conceitos de forma contextualizada, levando em consideração o social e a cultura.

As aulas na Universidade iniciaram no final do ano de 2009, no inicio eram aos sábados e domingos, mas para alguns alunos era dispendioso, pois moravam distante em

outros municípios, assim como eu, além de serem lotados apenas com 100hs, este não era o meu caso.

Recordo-me do primeiro professore, Damião, que ministrar a disciplina Filosofia da Educação, apesar de estar em outra instituição fazendo o curso de História foi difícil. O professor na frente filosofando, filosofando e eu sem entender nada, falava muito no mundo das ideias. Só no final do curso fui compreender o que era o mundo das ideias das quais o Damião tanto falava, é o mundo ao qual podemos construir e reconstruir a partir do conhecimento que adquirimos a partir da luz da teoria.

Nesses longos quatro anos muita coisa mudou em mim, pois já estava ministrando aula para as turmas de 5º série (6º ano) e 6º serie (7º ano), mas a formação em pedagogia me possibilitou um outro olhar para minha sala de aula e para dentro e fora da escola. Deixei de ser a mesma de antes que apenas me direcionava para a disciplina que eu ministrava, agora até compreendia certas atitudes de alguns alunos. U conhecia a estrutura funcional da escola, mas não conhecia especificamente cada uma das suas atribuições que compunha a estrutura desta escola.

Porém ao me familiarizar com outros saberes fui revendo minha prática e, aos poucos, fui me transformando e compreendendo melhor a docência a partir dos saberes científicos e percebendo as diferenças.

O legado que a pedagogia me trouxe, além de me tornar mais humano foi o de conhecer a funcionabilidade dos condicionantes internos da escola.

> A elucidação dos condicionantes presentes no interior da instituição escolar pode ser feita, numa aproximação preliminar, a partir da consideração dos seguintes aspectos: 1) a estrutura organizacional da escola em seu caráter legal; 2) a real distribuição hierárquica dos que atuam no interior da unidade escolar; 3) os mecanismos e ação coletiva aí presentes; 4) as relações interpessoais; 5) o atendimento aos pais e membros da comunidade; 6) o processo ensino aprendizagem propriamente dito (PARO, 2000, p. 70).

Esta é a estrutura formal de uma unidade escolar, porém quando voltamos o olhar para nossa realidade percebemos nitidamente que a política partidária ainda é muito presente nesses espaços escolas, principalmente na forma como são nomeados os gestores escolas, que em algumas vezes não tem embasamento teórico, e nem pesquisam para poderem desempenhar seu papel enquanto gestor, causando desta forma

entraves por conta de suas prepotências, fazendo com que a escola fique estagnada em seu verdadeiro papel que é de formar indivíduos críticos e reflexivos.

Eu mesma passei por esta situação, eu e meus colegas preparamos um projeto interdisciplinar para ser sistematizado no dia 20 de novembro "Dia da Consciência Negra", dividimos todas as tarefas e todos estavam entusiasmados para a culminância do projeto, mas para nossa surpresa a gestora colocou a data dos jogos internos da escola justamente para aquela semana. Nós nos sentimos boicotados em nosso evento. São esses entraves que são percebidos com clareza nas instituições de ensino, principalmente em cidades de pequeno porte onde a única via de empregabilidade é a prefeitura.

Se seguíssemos a estrutura como ela é realmente projetada para ser executada, nós obtínhamos avanços significativos no campo educacional, o problema está nas barreiras que a política partidária impõe no interior da escola. Mas, com todos estes percalços sempre buscamos alternativas para burlar tais dificuldades, através de um bom relacionamento tanto com a direção como também com os outros colegas de trabalho.

O curso de pedagogia como já explicitei anteriormente me fez perceber minha sala de aula com um outro olhar. Recordo-me com as dificuldades que eu tinha por conta do comportamento e atitudes de alguns alunos, não compreendia o porquê da rebeldia, da falta de atenção, da falta de interesse pelos estudos. Só a partir de algumas disciplinas ministradas como os Fundamentos Metodológicos que foram ofertados no curso e estudando autores como Paulo Freire, Vygotsky, Emilia Ferreira entre tantos outros, é que pude perceber que o problema não estava no aluno e sim em mim por não ter embasamento teórico para me dar suporte suficiente diante de tais situações.

Ao me reconhecer "como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada" (FREIRE, 2005, p. 83), eu pude rever a minha prática, se hoje pudesse voltar atrás, faria diferente. Parafraseando Chico Xavier "Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim", assim terei determinação e compromisso para fazer um novo fim, buscando sempre embasamento da contribuição das ciências para a explicação e compreensão da educação.

Quando eu estava na coordenação Municipal do Programa Brasil Alfabetizado, a disciplina prática de ensino na EJA foi de grande importância na construção do conhecimento naquele momento para mim. Assim sendo, pude dar maior atenção às duvidas dos professores alfabetizadores que eram minhas também, eu instigava muito o

professor que ministrou a disciplina toda na concepção freiriana. Portanto, trabalhar com educação popular, entendida como o trabalho que é realizado perante a população das camadas menos favorecidas, pressupõe um entendimento do por que e para que realizar este trabalho. Paulo Freire é a referência primeira quando se trata desta discussão.

Discorrer sobre minha atuação no programa em meu município e sempre uma alegria, pois aprendi muito com os estudos em grupo, as formações e as visitas. Portanto, os fundamentos teóricos – metodológicos que propunha o programa eram centrados nos extratos do pensamento de Paulo Freire, de uma educação para a leitura do mundo, numa perspectiva heurística.

O ponto de partida para a organização das aulas se pautava inicialmente na pesquisa sócio-antropológica, para daí então serem selecionadas as falas significativas, as estórias de causo e mais causos e das histórias de vida vindas da oralidade, só a partir de então eram construídos os temas geradores. Tal proposta implicava em considerar todas as falas e histórias igualmente importantes, válidas para os vários grupos identitários, como os pescadores, os ribeirinhos, os agricultores, mulheres entre tantos outros segmentos da sociedade dos quais conseguimos abranger.

A partir da pesquisa sócio-antropológica, os professores alfabetizadores adaptavam um calendário diferenciado, considerando os períodos de pesca, o ritmo da agricultura familiar entre outros.

> Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já podemos dizer ser ele mesmo: a *palavra*. Mas ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (FREIRE, 2005, p. 89).

Para Freire a educação decorre do fato das pessoas estarem em relação com o mundo, “a educação como instrumento de liberdade”, a partir do momento que o sujeito se apropria do conhecimento ele se torna um ser crítico, um ser capaz de lutar pelos seus direitos e a sala de aula é o palco principal para formação deste sujeito, pois a mesma é o espaço de diálogo. A escola tem como função oferecer uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade.

> Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade (FREIRE, 2001, p.75).

Paulo Freire enfatiza que nós não podemos estar no mundo de forma neutra, ele propõe uma educação libertadora, que parte do principio da relação professor – aluno, que seja capaz de promover mudanças, exigindo de todos nós à aprendizagem da democracia. Pois é a partir da leitura da realidade dos sujeitos que será possível a passagem do indivíduo ingênuo para o indivíduo crítico.

Hoje considerando o que vivi no meio acadêmico reconheço que tive a oportunidade de aprende e ressignificar a minha prática, levando para o meu cotidiano de trabalho o que aprendi na Universidade, pois a prática sem a teoria, não pode avançar para o que se propõe a educação neste momento tão complexo de mudanças.

É muito comum ouvirmos falar que ser professor hoje em dia não é fácil. Tal afirmativa talvez se deva ao fato de assistirmos a tantas mudanças na ordem do conhecimento e da vida em sociedade que exige conhecimentos mais especializados e abrangentes, diferentemente daquela representação do professor como um sacerdote, atendendo a um chamado divino.

Nesses quatro anos, o que mais me marcou na Universidade além do que se propõe o curso de pedagogia, espaço onde ampliei meu aprendizado. Foram os horários de almoço, onde sempre estávamos juntas eu, Euza, Sandra e Ray. A cidade de Abaetetuba fica distante da cidade onde resido a uns 200 km, então eu e Euza resolvemos alugar um kitnet nesses períodos de aula e assim dividíamos as despesas. Como a Ray era da região das Ilhas e a Sandra da Colônia Nova elas ficavam sempre juntas comigo e a Euza na hora do almoço, pois antes de sairmos para estudar fazíamos o nosso almoço, ao retornar esquentávamos e almoçávamos juntas as quatro.

O almoço para nós era sempre um momento de tirar as dúvidas, ou seja, revivíamos os embates teóricos discorrido em sala, vivemos muitos momentos engraçados, engraçados porque às vezes não conseguíamos chegar a uma definição das nossas dúvidas, que algumas vezes cada uma saia com uma definição do que tínhamos como dúvida.

São três mulheres por quem eu tenho respeito e admiração e que contribuíram muito para minha formação. Eu com pouco tempo de experiência no exercício do

magistério, a Ray com 25 anos, a Euza com 19 e a Sandra com 24 anos de experiência na docência. Com elas pude aprender muito. A Sandra é uma apaixonada pela educação e ela sempre parafraseava Taberosky, Emilia Ferreira, Paulo Freire entre outros autores para exemplificar seus pensamentos.

A Ray trazia em sua bagagem o conhecimento do dia – a - dia de uma escola e sua experiência como gestora, percebíamos em sua fala que a gestão democrática que tanto defendemos era possível a partir de suas narrativas como membro do Conselho Escolar.

A Euza minha companheira com quem dividia as despesas da casa e as angústias dos problemas pessoais, que muitas das vezes nem meus familiares sabiam, mas Euza estava sempre com os braços abertos e os ouvido pronto para me ouvir, me dando forças sempre com uma palavra amiga para que eu pudesse superar os meus conflitos.

Sempre estive aberta aos desafios que surgiam na universidade, desafiador foi estar na turma de pedagogia, os contatos com as outras colegas e todos os professores foram a base enriquecedora, pois a partir dos debates e das experiências vivenciadas e relatadas pelas minhas colegas em sala de aula, cada exemplo dado do cotidiano escolar de cada acadêmica era um aprendizado a mais.

Nessa troca de saberes, que cada colega explanava sem medo de errar, quantas experiências eram expostas e compartilhadas teve um significado importante para o nosso aprendizado. O nosso grande mestre Paulo Freire (2005, p. 78) enfatizava que "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo", e nessa troca de experiências que o curso de pedagogia me possibilitou adquiri mais experiência no que concerne a minha docência.

Nessa busca pelo conhecimento no campo da pedagogia obtive um leque de possibilidades através das experiências vivenciadas pelas minhas colegas de turma, especialmente através dos debates que eram feitos a partir dos textos discutidos em sala de aula. Estava ali em busca do conhecimento, então eu procurava fazer e dar o melhor de mim, aquela era a oportunidade de ter em minhas mãos a tão sonhada formação concedida pela Universidade Federal do Pará.

> No Brasil, a questão da formação continuada de professores vem sendo amplamente discutida como uma das vias principais de acesso à melhoria da qualidade do ensino. O motivo pelo interesse e preocupação pela formação ocorre principalmente pelo fato de, nas últimas décadas, o sistema educacional brasileiro ter sofrido uma

> grande expansão, registrando-se um crescimento amplo das matrículas em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2012, p. 9).

Neste sentido vale ressaltar que, a formação continuada de professores é uma preocupação que há muitos anos já vem sendo discutida pela classe, dentro dessa realidade, muitos estudos vem sendo desenvolvidos no sentido de favorecer a construção de políticas públicas que venha reverter indicadores de desempenho dos alunos favorecendo assim a uma política de formação continuada de professores.

No decorrer da minha formação todas as disciplinas foram fundamentais para o arcabouço de conhecimento que se foi acumulando ao longo da formação. Mas as disciplinas Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, Psicogênese da língua Oral e Escrita, Planejamento Educacional, Prática de Ensino além dos Fundamentos Teóricos e Metodológicos das disciplinas afins entre outra foram de suma importância para formar a base do conhecimento que eu pude acumular nesses quatro anos e agora levando para minha prática, pois até então não tinha trabalhado com os anos iniciais, apenas com a 5ª série (6º ano) e 6ª série (7º ano).

O ano de 2013 foi de grandes desafios em minha vida profissional, com a troca de gestor municipal eu sabia que não iria mais ficar na secretaria de educação e nem iria mais ministrar aula para os alunos dos anos finais. No inicio do ano de 2013, já estava cursando o 7º semestre e a cabeça a mil com tantos problemas, mas a ajuda das minhas amigas foi fundamental para eu superar essa carga e stress e tive forças para caminhar em direção a reta final.

Logo que voltei de mais um período da Universidade procurei a secretaria de educação e lá me lotaram para ministrar aula de arte para os anos iniciais. Foi um desafio em minha profissão, não sabia nem por onde começar, apesar de ter tido uma disciplina relacionada com essa área na Universidade. O que fazer? Fui pesquisar e a primeira coisa que fiz foi lançar mão dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Foi lendo os parâmetros que compreendi que a arte desempenha uma função tão importante quanto às outras disciplinas para o bom desenvolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

> Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais

> significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos (BRASIL. 1997, p. 14).

A dimensão social das manifestações artísticas é uma das funções importantes a serem discutidas na área de arte. A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética. Assim fui também construindo meu conhecimento a partir das leituras através do parâmetro curricular em arte.

Inicialmente foi muito difícil, mas a leitura do parâmetro curricular me possibilitou fazer um diagnóstico dos meus alunos através dos desenhos. Nos primeiros dias percorri varias salas de aula e tive a oportunidade de conhecer meus alunos através dos desenhos que pedi para fazer com o foco na família este foi meu primeiro passo. Ao entrar na sala para ministrar minha aula a primeira coisa que eu fazia era definir e explicar o que era arte conceituando, posteriormente pedia para que cada aluno fizesse um desenho de sua família.

A partir daquele desenho eu pedia para que cada aluno(a) me explicasse o seu desenho o que significava cada traço, cada linha. Esse diagnóstico eu fazia individualmente. Quantas histórias, tão jovens e tantos problemas sociais já detectados através de um simples desenho que explicava muita coisa.

Outro desafio que eu enfrentei foi à redução de minha carga horária de 200hs para apenas 100hs, em cidades do interior de nosso Estado tem dessas coisas com a mudança de prefeito, não se olha o profissional pela sua competência, pelo seu esforço e dedicação, se olha a bandeira de partido como eu não apoiei o prefeito que ganhou sofri as consequências da política partidária e tive que enfrentar muitas dificuldades a partir daí.

Como já discorri anteriormente, eu fazia outra licenciatura em História em uma instituição particular que não era devidamente autorizada pelo MEC para funcionar, e por este motivo tive que parar o curso que foi para mim um prejuízo incalculável, pois além do prejuízo financeiro sofri também prejuízo emocional.

No inicio do ano de 2013 participei de um processo seletivo especial na Faculdade Integrada Ipiranga e fui aprovada para concluir o meu curso de História. Esse foi um processo encontrado pela justiça para que nós que fomos lesados em nossos direitos não perdêssemos na totalidade os nãos de estudo. Ficou definido da seguinte maneira segundo a justiça, que poderíamos ingressar em uma instituição regularizada e

autorizada pelo MEC, para cursar todo o sexto semestre e fazendo prova de validação dos semestres anteriores, bem pelo menos não perderíamos tudo.

A partir de fevereiro comecei a cursar o sexto semestre para concluir o curso de História, apesar de todas as dificuldades pela qual estava passando não desistir de ir em busca de um sonho, de uma realização enquanto profissional e já estou cursando a 6ª disciplina, ao mesmo tempo que estou construindo o meu memorial também iniciei a construção do meu TCC de História, e nele discuto a temática afro. A promulgação da Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana nos sistemas de ensino. Isto significa o reconhecimento da importância da questão do combate ao racismo, ao preconceito e a discriminação na redução das desigualdades.

Em relação as minhas atividades como professora da Disciplina de Artes, enquanto fazia o diagnóstico das turmas através dos desenhos, a gestora me chamou e pediu que eu assumisse uma turma que estava sem professor regente, era uma turma do 2º ano. O curso de história por ter a maioria pessoas de cidades distantes como Anajás, fechamos um calendário de apenas um encontro por mês, estudávamos na sexta, no sábado, no domingo e na segunda das 8hs às 12hs e das 13hs às 18hs era muito cansativo.

Ao retornar de um desses finais de semana de estudos no mês de abril, fui surpreendida com o meu afastamento da turma do 2º ano, já tinham colocado uma professora na turma, e eu deveria voltar para as turmas de antes com arte. Fiquei muito desapontada, não pelo retorna a atividade de antes, mas pela falta de respeito par comigo enquanto profissional.

Alguns dias após este retorno, a gestora me chama novamente e disse desta vez que eu iria assumir outra turma, agora uma turma do 1º ano. Mas, eu falei que só assumiria se eu tivesse um documento me respaldando. Assim foi feito e eu fiquei definitiva na turma.

Agora sim, entrar na turma do 1º ano foi desafiador para mim enquanto profissional. Até então não tinha tido experiência em alfabetizar crianças no primeiro ano, a experiência que eu tinha tido era com a alfabetização de adulto mais precisamente com o Programa Brasil Alfabetizado. Encontrava-me perdida, sem saber por onde começar.

Pois se entende que as crianças iniciam o ano letivo com diferentes conhecimentos, ou seja, antes da criança chegar a uma escola ela já assistiu muitas horas

de televisão, além de se apropriar do conhecimento através das brincadeiras. Era uma turma de 20 alunos e a maioria meninos, sendo que destas crianças apenas 17 tinham seis anos de idade.

Fui pesquisar sobre alfabetização e letramento para compreender como ocorre a aprendizagem no ciclo da alfabetização a luz da teoria de Magda Soares, Ana Taberosky e Emilia Ferreiro. Compreendi que historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino e aprendizado da "tecnologia da escrita", ou seja, do sistema alfabético de escrita, o que em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificação os sinais gráficos, transformando-os em "sons" e, na escrita, a capacidade de decodificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos.

> A partir dos anos 1980, o conceito de alfabetização foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente com os trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Taberosky. De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduzia ao domínio de correspondências entre **grafema** e **fonemas** (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita construiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação (BRASIL, 2008, p. 10).

Da mesma forma os métodos da base fônica, embora focalizando um ponto fundamental para a compreensão do sistema alfabético, que é a relação entre fonema e grafema, restringem a concepção de alfabetização, quando é valorizado exclusivamente o eixo da codificação pela decomposição e elementos que se centram em fonemas e sinais gráficos.

> Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998, p. 47).

É necessário avaliar o nível de alfabetização para assim podermos fazer as intervenções mais adequadas para cada aluno. Antes mesmo de entrar na escola, as

crianças já estão cercadas por textos, mas o contato com eles depende dos hábitos de cada família.

Assim, uma turma de 1º ano vai apresentar uma variedade enorme de saberes, com estudantes pré-silábicos (quando as letras usadas na escrita não têm relação com a fala), silábicos sem valor sonoro (representando cada sílaba com uma letra aleatória), com valor sonoro (usando uma das letras da sílaba para representá-la), silábico-alfabéticos (que alternam a representação silábica com uma ou mais letras da sílaba) e, finalmente, alfabéticos (que escrevem convencionalmente, apesar de eventuais erros ortográficos).

Além das minhas pesquisas sobre o tema alfabetização e letramento outro suporte que tive e que está sendo de fundamental importância para minha formação é participar da formação continuada pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A formação é semestral com carga horária de 10hs cada encontro e a formação está distribuída em oito encontros presenciais nos quais aprofundamos nos temas no ciclo da alfabetização, os princípios gerais de alfabetização, o que ensinar no ciclo e como avaliar.

A formação nos possibilita a refletir sobre o real desenvolvimento de práticas de alfabetização. E essa formação está sendo para mim um dos suportes fundamentais para compreender melhor a apropriação do sistema de escrita, além de me proporcionar o aprimoramento dos direitos de aprendizagem no ciclo da alfabetização que norteia e organiza o trabalho pedagógico.

Estudando e pesquisando sobre letramento encontrei em um dos livros de Magda Soares um poema que foi escrito por uma estudante Norte – Americana, de origem asiática que veio dar base para ampliar meus conhecimentos sobre a apropriação do sistema de escrita.

O que é letramento?

Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som anunciado
Não é treinamento repetitivo
De uma habilidade,
Nem um martelo
Quebrando blocos de gramáticas.

Letramento é diversão
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.

São noticias sobre o presidente,

O tempo, os artistas da TV
E mesmo Mônica e Cebolinha
Nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
Uma lista de compras, recados colados na geladeira,
Um bilhete de amor,
Telegramas de parabéns e carta
De velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
Sem deixar sua cama,
É rir e chorar
Com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
Sinais de trânsito, caças ao tesouro,
Manuais, instruções, guias,
E orientação em bula de remédio,
Para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
Um mapa do coração do homem,
Um mapa de quem você é,
E de tudo que você pode ser.
(SOARES, 2001, p. 44)

Este poema me fez refletir sobre o letramento, ele mostrar em seus versos que letramento é mais que alfabetização, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno. É o processo pelo qual a criança se apropria do sistema de escrita com prazer em diferentes lugares e sob diferentes condições, não necessária mente na escola, através das atividades propostas, mas em qualquer lugar.

Portanto de acordo com Magda, a entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar biblioteca, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita.

O poema me fez entender que a ação pedagógica mais necessária e produtiva é aquela que completa, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento. O desafio que se coloca para os primeiros anos do inicias é o de conciliara esses dois processos, assegurando aos alunos a apropriação do sistema alfabético ortográfico e condições que possam possibilitar o uso da língua nas práticas sociais de leitura e

escrita. É necessário que o indivíduo se aproprie das convenções da prática da leitura e da escrita. Magda Soares (1998) definiu que letramento não é alfabetização, ou seja, a criança tem que aprender a estabelecer as relações entre fonemas e grafemas.

E assim me vejo no limiar do processo formativo envolvendo o sistema teórico no qual me foi pertinente comungar saberes em que os professores com carinho e respeito partilham seus conhecimentos, foi que no decorrer de minha formação acadêmica no curso de pedagogia compreendi que é necessário ter sonhos e ir além através da pesquisa.

Aqui cito Gadotti.

> Nós, educadores, precisamos ter a clareza do que é aprender, do que é "aprender a aprender", para entendermos melhor o ato de ensinar. Para, nós, educadores, não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar (GADOTTI, 2003, p. 48).

E foi nessa troca de saberes e de querer fazer a diferença que os professores que ministraram as disciplina no curso de pedagogia contribuíram com a minha formação, pois para eles também foi um desafio, não estavam diante de jovens saindo do ensino médio, mas diante de colegas de profissão que sentados nos bancos da universidade já traziam em sua bagagem a prática da labuta diária da sala de aula, mas estavam ali em busca do conhecimento teoria, pois teoria e prática tem que andarem juntas, se completando.

Hoje percebo o quanto o curso mudou minha postura em relação à docência, no que diz respeito à sala de aula, ao espaço escolar por um todo, possibilitando-me a oportunidade de perceber as limitações e os desafios que poderão surgir ao longo de minha vida profissional. Nesta perspectiva de mudanças, houve uma alteração no cabedal de conhecimento que adquirir ao longo desses quatro anos.

Portanto a formação docente implica em perceber que por trás de uma ação existe um coração que opera e coopera com o que faz. Assim, precisamos ir adiante, nos nossos sonhos, nas buscas que implementam a possibilidade do educador e da educadora em formação dialogar com a caminhada em busca de construir na eterna incompletude que nos move e alimenta no cotidiano da práxis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e experiências aqui desveladas através da narrativa pressupõem uma análise da trajetória de formação de professora, trilhadas no ato da formação educativa e educadora, revelando os sentimentos, os desafios, fazendo uma análise sobre o vivido através dos relatos dos acontecimentos gerais e particular, que contribuirão para uma analise reflexiva. Assim como indicam reflexões relevantes sobre como se vai reconstruindo a subjetividade na formação de professor. Josso (2008) ressalta sobre essa pesquisa para o campo educacional.

> A cadência de ouvir o outro, escrever de si, ler o outro, interpretar a si e ao outro conduz para uma responsabilidade processual que inaugura pensar a pedagogia em seu mais profundo compromisso de produzir conhecimento. A história de vida, a narrativa, vai aparecendo não somente como uma descrição, mas como uma análise. E o pensamento analítico no campo pedagógico (JOSSO, 2008, p. 24).

É relevante ressaltar a passagem de Josso, pois me faz pensar na minha formação sobre a tomada de consciência a partir de uma autoavaliação. Pois avaliar é um processo amplo e continuo. Por isso, avaliar é olhar para frente da prática educativa é uma ferramenta necessária no processo ensino aprendizagem. Assim nessa reflexão me percebo que avancei, que melhorei enquanto docente e até mesmo enquanto ser humano.

Através da autoavaliação que adquirimos melhorias e qualidade no ensino, Freire (2011, p. 108) ressalta que “A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na *educabilidade* mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente”, nessa perspectiva construtivista buscando sempre uma educação libertadora, ou seja, avaliar é diagnosticar os objetivos propostos na construção do conhecimento na sua própria formação educacional.

Rememorar parte da minha vida e relembrar a infância de momentos difíceis foi uma tarefa árdua e ao mesmo tempo gratificante, pois as histórias de vida são únicas, por isso somos diferentes em todos os aspectos. Comparo a vida do ser humano como uma semente que brota, se ela for bem regada e cuidada ela dará bons frutos, mas se esta semente for só lançada e não for cuidada, ela nem chegará a germinar, pois é necessário dar o amor e direção através dos bons ensinamentos desde a infância.

A base da vida do ser humano e a educação que é iniciada na família e depois na escola ao longo de sua vida, mas ainda falta muito para conquistarmos uma escola e uma sociedade democrática. Percebemos que o mundo modificou-se, os saberes úteis a vida também e as escolas procuram seguir esse movimento a sua maneira. Para que o ato educativo possa se tornar algo satisfatório e mais atrativo, faz-se necessário que os educadores se desprendam de metodologias "ultrapassadas", baseadas nos discursos de que dentro da sala de aula não há espaços para o barulho e movimento, pois alega-se que estes tirarão a concentração de todos.

Construir este memorial e fazer uma análise da autobiografia me possibilitou a problematizarão no que concerne à profissão de docente em formação, revendo minhas práticas, me possibilitando uma autoanálise de como era antes de minha formação e de como fui me construindo e resignificando a minha práxi, a minha vida.

Portanto a educação é a mola mestra, é o meio pelo qual o indivíduo tem a oportunidade de sair do ciclo de miséria no qual está inserido. É através da escolarização que se abrem leques de oportunidades para o sujeito galgar um espaço melhor no mundo do trabalho e também como indivíduo social, mais humanizado. E poder hoje fazer parte desta estrutura tão desafiadora, apesar de todas as dificuldades que nos deparamos em nossa luta diária como docente e eterno pesquisador, é inegavelmente gratificante. Poder colaborar orientando os nossos discentes nos caminhos de uma educação libertadora é um desafio sempre satisfatório.

REFERENCIAL

BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 137p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. MEC/SEF, 1997. 130p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: formação de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971.

BOMENY, H. M. B. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2011.

BUENO, B. O. Pesquisa em colaboração na formação contínua de professores. **In**: BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUZA, C. P de. (Orgs). A vida e ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras Editoras, 1998.

DEWEY, J. **Educação e democracia**. São Paulo: Melhoramentos, 1965. 5.ed.

EGGERT, E.; PERES, L. M. V. **Conversando com Josso**: encontros autoformadores. Cadernos de Educação. | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [30]: 15-24p. janeiro/junho 2008.

FIGUEIREDO, A. M. **Um Natal de Negros**. Revista de Antropologia. São Paulo. USP. 1995, v. 38 n. 2.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. Coleção Questões de Nova Época. São Paulo: 2001. 5 ed. v.23, 1921-1997p.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2005.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GATTI, B. A; BARRETTO, E. S. S; ANDRÉ, M. E. D. A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011. 300p.

Grande Enciclopédia Barsa. – 3ª. Ed. – São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda., 2005.

JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, Porto Alegre, ano XXX, v.3, n.63, 413-438p. set.-dez. 2007.

L TAILLE, Y., 1951 -. Piaget, Vygotski, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação**. Conselho Deliberativo. Resolução CD/FNDE Nº 32 de 1º de julho de 2011.

NÓVOA, A. (org). **Vida de Professor**. Porto: Porto. Ed.1992.

PARO, V. H. **Por dentro da escola pública**.3. ed. São Paulo: Xamã, 2000.

MEC - Ministério da Educação. **Pró-letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – Ed. Ver.e ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referencia/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

ALVES, R . **Alegria de ensinar**. Editora: Papirus, 2001. 93p.

SAVIANE, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Coleção memória da educação, 3º. ed. São Paulo: Campinas, 2011.

SCOCULIA, A. C. **Histórias inéditas da educação popular**: do Sistema Paulo Freire ao IPMs da ditadura. São Paulo: Cortez / Editora Universitária – UFPB / Instituto Paulo Freire, 2000.

SILVA, M. **Complexidade da formação de profissionais**: saberes teóricos e saberes práticos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOARES, M. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.